

Artigo recebido em
19/02/2015

Aprovado em
21/04/2015

Angelo de Assis

Unesp – e-mail:

angelo.brazil@icloud.com

Bacharel em Letras Inglês pela

Universidade de Brasília –

UnB e em Comunicação Social

com habilitação em Jornalismo

pela Universidade Estadual

Paulista – UNESP, campus de

Bauru. É mestre em Comuni-

cação Midiática pela UNESP.

Marcelo Bulhões

Unesp – e-mail:

bulhoes@faac.unesp.br

Livre-docente pela UNESP,

doutor em Literatura Brasileira

e mestre em Teoria Literária

e Literatura Comparada pela

USP. Professor do Curso

de Comunicação Social da

UNESP. Compõe o programa

de Pós-graduação em Comuni-

cação da mesma instituição.

Dialogismo de Bakhtin no jornalismo econômico brasileiro

Angelo de Assis e Marcelo Bulhões

Resumo

O artigo propõe uma análise da produção de conteúdos em jornalismo econômico (JE) a partir de conceitos da teoria do dialogismo, proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). É demonstrada sua aplicabilidade à comunicação e à análise do JE. No final, o texto sugere a necessidade de uma renovação da abordagem teórica do JE brasileiro em bases diferentes das tradicionalmente adotadas.

Palavras-chave

Comunicação, Dialogismo, Jornalismo Econômico.

Abstract

The paper presents an analysis of content production in business and economics journalism based on concepts taken from the dialogism theory of Russian philosopher Mikhail Bakhtin (1895-1975). Its applicability to the field of communications and of business and economics journalism is demonstrated. In the end, the text suggests the need for a renewal of theoretical approaches on the Brazilian business and economics journalism in different bases from the ones traditionally adopted.

Keywords

Communications, Dialogism, Business and Economics Journalism.

Pode-se iniciar com uma pergunta à vista do título deste trabalho: seria adequado analisar a produção de sentidos em jornalismo econômico (JE) tomando como referencial as ideias do teórico russo Mikhail Bakhtin, nascido no século XIX, falecido décadas antes da popularização da internet e que passou a maior parte da vida sob um regime socialista de economia planificada?

Verificada a aplicabilidade do dialogismo bakhtiniano como ferramenta de análise do discurso, a resposta é sim. Longe de ser inadequado à abordagem do JE, o referencial teórico do autor russo mostrou-se útil para identificar as várias relações discursivas existentes em corpus de análise dessa modalidade de jornalismo. Serve inclusive, como se verá, para evidenciar relações que embora ele mesmo não explore a fundo, existem e devem ser levadas em consideração nas análises sobre a produção de conteúdos em JE.

A análise teórica do JE brasileiro encontra-se em um longo momento de hiato. Nos programas de pós-graduação das universidades, raros são os estudos voltados a essa modalidade de jornalismo, igualmente preterida em conteúdos programáticos da graduação. Mas as profundas transformações econômicas ocorridas no país e no exterior nos últimos 20 anos, as mudanças na relação entre os cidadãos e a economia e a crescente complexificação dos sistemas financeiro e econômico mundiais impõem uma reavaliação das análises teóricas sobre o JE brasileiro.

A realidade e a linguagem

Segundo Bakhtin, na linguagem, todos os enunciados são dialógicos. Ou seja, a palavra é sempre perpassada pela palavra do outro, de forma que quem constrói um discurso sempre leva em consideração outros discursos, que assim estarão, de uma forma ou de outra, presentes no seu discurso (BAKHTIN, 2000, p. 291). Assim, todo enunciado reporta-se a outro (ou outros) enunciado(s). E a delimitação do que o autor russo define como enunciado é precisa, embora abrangente:

Todo enunciado – desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão) (BAKHTIN, 2000, p. 294).

Ele desenvolveu sua teoria a partir da constatação de que havia em seu tempo uma percepção equivocada da função comunicativa da linguagem. Segundo ele, esta era então considerada a partir do ponto de vista do locutor, como se ele estivesse sozinho e sem relação com outros interlocutores no processo de comunicação. Quando o papel do outro era levado em consideração, era como destinatário passivo que se limitava a compreender a fala do locutor (BAKHTIN, 2000, p. 289).

Assim, ele reagiu a essa visão da linguagem reavaliando e enfatizando o papel do destinatário. Este, resgatado de uma imagem de passividade no processo comunicacional, passa a ser encarado como peça fundamental:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290).

Bakhtin, referindo-se a gêneros do discurso, dá novo sentido até mesmo ao papel do locutor:

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. A variedade dos gêneros do discurso pressupõe a variedade dos escopos intencionais daquele que fala ou escreve (BAKHTIN, 2000, p. 291).

Podemos assumir, portanto, que a natureza dialógica dos enunciados é

válida não apenas para a linguagem, mas também para a comunicação midiática e o jornalismo. É um bom exemplo de resposta esperada, seja para “uma concordância, uma adesão” ou para “uma objeção”, pode ser visto nos “Termos de uso” do Blog da VOCÊ S/A, que faz parte do site da revista Exame¹, do complexo de mídia impressa e on-line Abril. No fim de cada postagem do blog, no espaço reservado aos comentários de leitores, há um link para os tais termos, além da declaração de que os comentários estão sujeitos a moderação. Diz o texto:

EXAME.com encoraja as pessoas a usar seus nomes reais e manter uma atitude fraternal nos comentários. Pedimos que todas as observações se refiram estritamente ao conteúdo em questão.

Todos os comentários são de inteira responsabilidade de seus autores. EXAME.com se responsabiliza apenas pelas afirmações de sua própria equipe, sempre identificada com nome e sobrenome.

Todos os comentários devem obedecer às leis brasileiras, sem exceção. Depois de colocados no ar, não podem mais ser deletados ou editados por seus autores. O copyright do conteúdo é da Editora Abril².

O texto segue elencando os tipos de comentários considerados não aceitáveis e sujeitos a serem excluídos do blog quando identificados: calúnia, difamação,

¹Embora todos os exemplos de textos econômicos apresentados no artigo estejam disponíveis na internet e com indicação do respectivo link para acesso pelos leitores interessados, alguns foram originalmente escritos para o jornalismo impresso. Assim, as considerações apresentadas neste artigo dizem respeito tanto ao jornalismo econômico on-line quanto ao impresso.

²Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/v2009/areas-comuns/termo-de-uso.html>>

palavrões etc. Importante é que é à “compreensão responsiva ativa” citada por Bakhtin que o texto acima diz respeito, indicando que o veículo de comunicação espera respostas, manifestações dos leitores, e não apenas uma compreensão passiva dos textos postados.

Além do papel protagônico de que passa a desfrutar o receptor e da percepção do locutor não apenas como emissor de uma mensagem, mas como interlocutor que espera uma “resposta”, a teoria do dialogismo também reavalia a relação dos indivíduos com a realidade. Ela propõe que a realidade não estaria acessível senão por meio da linguagem. É a linguagem que faz a mediação da nossa relação com o mundo. A respeito da relação entre o real e o discurso, afirma Fiorin a respeito da teoria de Bakhtin:

[...] todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2006, p. 19).

Como um desenvolvimento dessa premissa dos discursos como mediadores de nossa relação com o real, pode-se afirmar que o real estendido – ou seja, a realidade que não está imediatamente ao alcance da percepção individual de cada pessoa, como os fatos que acontecem em outras cidades, estados ou países – só estaria acessível, pelo menos de forma mais imediata, por meio da comunicação

mediática. E, na condição de real mediado, estaria totalmente sujeito a esse discurso que o reporta e que, por sua vez, dialoga com outros discursos.

Assim é que, em matéria de 13 de setembro de 2011, disponível no site do jornal Monitor Mercantil, em referência ao crescimento do número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza nos EUA, o título é: “Nunca antes na história daquele país...”³. Nesse caso, seu enunciado não está apenas se reportando, com “asepsia verbal”, a algo que se passava naquele momento específico em que os EUA ainda sofriam mais diretamente os efeitos da crise econômica mundial que lá se iniciara em 2008. O enunciado remete a outros enunciados, dialoga com eles e com o leitor/interlocutor.

Uma das características atribuídas às falas de Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil em dois mandatos, entre 2003 e 2011, era a de repetir a frase “nunca antes na história desse país”. Tratava-se de um artifício cuja função era ressaltar a importância de seus feitos à frente do executivo nacional. Tal característica sempre foi muito lembrada, ou em tom irônico ou de brincadeira, pela mídia, nas mais diversas situações, especialmente em contextos relacionados à política. Daí o título da matéria remeter à frase notabilizada por Lula.

Além disso, o texto publicado pelo Monitor Mercantil é uma transcrição literal (devidamente citada) de notícia originalmente veiculada pela Agência Brasil, de autoria da repórter Renata Giraldi. Assim, o enunciado no site do jornal e o original da Agência Brasil, se não deixam de remeter a fatos e dados

³Disponível em: <<http://www.monitormercantil.com.br/index.php?pagina=Noticias&Noticia=100833&Categoria=INTERNACIONAL>>

relativos à condição da economia norte-americana naquele momento específico, interpretam-nos de uma maneira própria, dialogando com outros enunciados que se referem à política interna do Brasil.

Unidades potenciais e unidades reais de comunicação no jornalismo econômico

Embora Bakhtin reconhecesse os fonemas, as palavras e as orações como unidades da comunicação, ele os contrapõe à sua noção de enunciado. Assim, palavras e sentenças em um determinado contexto ganham significado próprio e único, inseparável de um momento social particular. Para ele, fonologia, morfologia e sintaxe não explicam o efetivo funcionamento da linguagem (FIORIN, 2006, p. 20).

Por isso, ele introduz a “translinguística”, que em vez de estudar as unidades constitutivas da linguagem, estuda os enunciados e as relações dialógicas entre eles. Desta forma, cria-se uma diferença entre unidades potenciais da língua, que dizem respeito à linguística, e unidades reais de comunicação, que dizem respeito à translinguística.

Para Bakhtin, caracteriza o enunciado como objeto passível de ser abordado em uma análise o fato de ele ser “a réplica de um diálogo” (p. 21). Assim, cada novo enunciado produzido não surge alheio a qualquer contexto. Na verdade, ele constitui a participação em um diálogo com outros discursos. Segundo Fiorin:

[Em cada enunciado] estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta,

confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre um dado problema (FIORIN, 2006, p. 21).

Em postagem de 2 de maio de 2014, em uma notícia sobre o crescimento da economia chinesa, o site da revista Exame noticia:

A China não concordou com o Banco Mundial sobre o fato de que pode vir a se tornar a maior economia do mundo em paridade de poder de compra ainda este ano.

Segundo o jornal Financial Times, o Escritório Nacional de Estatísticas, o IBGE Chinês, questionou a metodologia da pesquisa do Programa de Comparação Internacional (IPC), coordenado pelo Banco Mundial.

No relatório final do IPC, há inclusive um trecho em que o órgão afirma que o instituto chinês não endossou os resultados como sendo oficiais. Nenhum dos jornais chineses, que sofrem de censura estatal, divulgou os resultados do Banco Mundial⁴.

O texto configura-se como um enunciado que participa de um diálogo anterior: uma pesquisa coordenada pelo Banco Mundial concluiu que a China poderia tornar-se a maior economia do planeta em paridade de poder de

⁴Disponível em: <http://exame.abril.com.br/economia/noticias/china-tentou-esconder-que-pode-virar-maior-economia-do-mundo>

compra em 2014; o Escritório Nacional de Estatísticas do governo chinês, por sua vez, respondeu questionando a metodologia da pesquisa; e um relatório final do Programa de Comparação Internacional, que elaborou a pesquisa para o Banco Mundial, confirmou o não endosso do governo chinês aos resultados.

Além disso, a discussão presente nesse diálogo entre o Banco Mundial e o governo chinês acabou por dar origem a uma matéria no jornal inglês Financial Times, que ecoou a controvérsia para outros meios de comunicação, gerando em seguida a notícia no site de Exame.

Fazendo parte de uma cadeia de ecos e complementações, além do texto do site da revista brasileira constituir um enunciado que dialoga com todos os anteriores que estão na “esfera de comunicação sobre um dado problema” (que vem a ser a não concordância entre o governo da China e o Banco Mundial sobre os resultados da pesquisa citada), ele está disponível para réplicas por parte dos leitores por meio de comentários no espaço a isso destinado no site de Exame.

Para Bakhtin, as unidades da língua não pertencem a ninguém, existem sem que tenham autor, de forma que as relações que estabelecem entre si são de ordem semântica ou lógica (FIORIN, 2006, p. 22). Em economia, por exemplo, pode-se dizer que inflação (aumento do nível geral de preços) é antônimo de deflação (redução do nível geral de preços) e que commodity pode ser sinônimo do termo matéria-prima. Mas, sem figurarem como discurso — ou seja, sem situarem-se numa dimensão de enunciação, em que a linguagem atua em determinada situação histórico-social —, tais palavras não têm

significado em um contexto definido e, portanto, não permitem resposta.

Os enunciados, ao contrário, por terem sempre um autor, adquirem um contexto, que é o espaço dialógico em que se encontra esse autor. Assim, eles permitem réplicas. Afirma Bakhtin:

[...] uma oração pode ser reiterada (repetição, autocitação), porém, cada ocorrência representa um novo fragmento de enunciado, pois sua posição e sua função mudaram no todo do enunciado.

O todo do enunciado se constitui como tal graças a elementos extra-lingüísticos (dialógicos), e este todo está vinculado aos outros enunciados. O enunciado é inteiramente perpassado por esses elementos extra-lingüísticos (dialógicos) (BAKHTIN, 2000, p. 335).

Isso muitas vezes acontece em relação à linguagem do JE. A unidade lexical “descolamento”, por exemplo, não obstante o sentido que tem em si — deixar de estar colado — pode gerar certa imprecisão em relação a seu sentido quando usada no contexto econômico. Por isso é que, ao fazer uso dela em postagem de 17 de agosto de 2008 em seu blog, a jornalista Miriam Leitão apressa-se em esclarecer o sentido em que o termo foi utilizado:

A tese dourada do mercado financeiro no ano passado, que ainda tem defensores, é a do descolamento: o mundo continuaria crescendo a despeito da crise americana. A tese acaba

⁵Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/miriam/posts/2008/08/17/fim-dos-descolados-120455.asp>

de sofrer mais um duro golpe. A Europa e o Japão encolheram no segundo trimestre, e a inflação subiu nos Estados Unidos. O que continua válido é que um dos piores desafios é enfrentar, ao mesmo tempo, os riscos de inflação e recessão⁵.

Ou seja, ela se referia à possibilidade de que os demais países talvez continuassem a crescer apesar da crise que assolava a economia norte-americana.

Da mesma forma, “pacote” tem um sentido comumente aceito. Pode até gerar, na mente de quem a ouve, uma acepção que poderia ser associada a “embrulho”, um de seus possíveis sinônimos. Porém, vejamos seu significado em notícia no site do jornal Diário da Região (de São José do Rio Preto), em 2 de dezembro de 2011, sobre medidas do governo brasileiro para tentar evitar que o país fosse afetado pelos problemas financeiros internacionais:

O governo decidiu agir para tentar reduzir a contaminação do Brasil com o caos financeiro internacional. Na primeira ação coordenada semelhante à da crise de 2008, a equipe econômica anunciou ontem um pacote de bondades em que o governo abre mão de R\$ 7,56 bilhões em impostos para incentivar o consumo de vários produtos, de geladeiras a macarrão, muitas vezes via crédito⁶.

A unidade lexical “pacote” refere-se, no fragmento acima, a um contexto

específico: a decisão do governo brasileiro em aceitar não receber 7,56 bilhões de reais em impostos a fim de incentivar o consumo no mercado interno. Além do mais, a palavra adquire, nesse contexto, um juízo de valor, uma avaliação, por parte de quem a utilizou, já que tem um sentido ainda mais determinado quando a matéria, creditada a Liza Mirella, usa não apenas o termo “pacote”, mas sim “pacote de bondades”. Isso permite, também por parte de seus leitores/interlocutores, uma avaliação sobre se o tal “pacote” é oportuno ou não, se poderá ser uma medida eficaz ou não. Como diz Fiorin, sobre Bakhtin, enquanto as unidades linguísticas são neutras, os enunciados são marcados por emoções, juízos de

A obra do autor mostra-se útil para identificar as várias relações discursivas no jornalismo

valor e paixões (FIORIN, 2006, p. 23).

As unidades linguísticas, em conjunto, podem compor orações, formar frases, conter uma informação. Porém, cada frase tem um significado inseparável de seu contexto dialógico, como enunciado. E sentidos que se realizam dialogicamente são muito flagrantes no jornalismo, principalmente em títulos de notícias, artigos e reportagens, onde são comuns referências a frases ditas por atores sociais, no âmbito da economia, da política, que aparecem com frequência nos meios de comunicação. São comuns também títulos que fazem trocadilho ou

Disponível em:
<<http://www.diarioweb.com.br/novoportal/noticias/economia/84430,-Governo+lanca+pacote+de+bondades.aspx>>

se reportam a músicas, livros ou filmes conhecidos.

Em matéria da edição número 2080, de 1º de outubro de 2008, por exemplo, sobre o endividamento das famílias norte-americanas, muitas das quais, devido à crise econômica, encontravam-se na difícil situação de encarar o despejo por não poderem mais cumprir com suas obrigações em relação aos imóveis adquiridos, Veja dispôs como título “Donos de casa desesperados”. No penúltimo parágrafo, diz o texto:

[...] Os americanos descobriram-se de repente mais pobres. Em muitos casos, o valor da casa ficou inferior ao da dívida. Desde o início deste ano, 1,7 milhão de famílias foram despejadas. Além disso, 40% das pessoas enfrentam dificuldades para sanar a fatura dos cartões de crédito, contra apenas 6% na década de 70⁷.

O título da matéria faz alusão a uma famosa série de ficção da televisão norte-americana chamada *Desperate House Wives*, que tratava dos problemas e conflitos de donas de casa de classe média daquele país. E o fragmento resume a situação que “inspirou” o título.

O dialogismo de Bakhtin na análise do jornalismo econômico

Para Bakhtin, os enunciados, em suas relações com outros que lhe são réplicas, refletem as diferenças e conflitos que encontramos na sociedade, “são inevitavelmente o lugar da

contradição” (FIORIN, 2006, p. 25). Vejamos outro fragmento, publicado no site do jornal *Correio do Brasil* em 10 de junho de 2014 e intitulado “Níveis de riqueza batem recorde mas perdem longe para a miséria no mundo”:

A riqueza privada do planeta – dinheiro administrado por instituições de gestão de fortunas e bancos voltados para alta renda – cresceu 14,6% de 2012 para 2013, passando de US\$ 132,7 trilhões para US\$ 152 trilhões. O total equivale a quase dez vezes o PIB dos EUA, a maior economia do planeta. Em contrapartida, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mundial, da Organização das Nações Unidas (ONU), ainda estima que 1,57 bilhão de pessoas vivam em estado de “pobreza multidimensional”, o que representa cerca de 30% do universo da população avaliada. Enquanto o vigor dos mercados de ações, a estabilidade das economias industrializadas (EUA e Europa) e as políticas monetárias favoráveis da parte dos bancos centrais elevam o número de bilionários, estes mesmos fatores, em decorrência do sistema capitalista, atira [sic] à miséria um número exponencialmente maior de pessoas⁸.

A tônica é de avaliação e diagnóstico desfavorável do funcionamento do sistema capitalista mundial. Começa

com a afirmação de que cresceu a riqueza privada, que é administrada por instituições financeiras e bancos cuja clientela é de alto poder aquisitivo. Para colocar em perspectiva ao leitor o volume de dinheiro que isso representa, informa que corresponde a “quase dez vezes o PIB dos EUA”. Em seguida, contrapõe os números apresentados ao Índice de Desenvolvimento Humano mundial (IDH), informando que mais de 1,5 bilhão de pessoas vivem na pobreza. E, novamente para situar o leitor, calcula que isso representa cerca de 30% “do universo da população avaliada”.

No parágrafo posterior, o tom desfavorável fica mais explícito. O texto afirma que fatores tão distintos entre si como a força dos mercados de ações, a estabilidade econômica de países industrializados e políticas monetárias dos bancos centrais estariam causando simultaneamente um aumento no número de bilionários e a miséria de um número maior de pessoas “em decorrência do sistema capitalista”.

Originalmente creditado apenas à redação do jornal, o texto assume explicitamente um ponto de vista sobre o funcionamento da economia mundial, avalia as razões do crescimento dos níveis de riqueza, aponta razões para que esse fenômeno ocorra e o acusa de atirar à pobreza um grande número de pessoas. Em sua versão integral, há inclusive um rápido levantamento da situação mundial quanto à pobreza. Todavia, em momento algum, é apresentada evidência nem de um aumento da pobreza no período a que o texto se refere (2012 e 2013) nem de uma relação direta entre a miséria e o aumento da riqueza (que, segundo o

próprio texto, deu-se por outros fatores acima citados).

Mas, para Bakhtin, mesmo opiniões individuais, como as do jornalista ou veículo de comunicação apresentadas no texto acima, na verdade, refletem pontos de vista socialmente construídos. Todo enunciado de um emissor dirige-se tanto a seu destinatário imediato (um segundo) quanto a um superdestinatário (um terceiro) que determina as posições que ele assume em seu discurso:

[...] o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um superdestinatário superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado (BAKHTIN, 2000, p. 356).

Em “Níveis de riqueza batem recorde mas perdem longe para a miséria no mundo”, presume-se que seu superdestinatário seja um julgamento de consciência crítico ao sistema capitalista, já que seu autor demonstra (pelo menos no texto apresentado) uma posição ideológica que se pode denominar “de esquerda”⁹. A fragilidade das relações de causa e efeito apresentadas para vincular o aumento da “riqueza privada” ao que seria um aumento da pobreza (que não é sustentado por fatos na matéria) demonstra seu caráter de compromisso com esse superdestinatário. E de acordo com Bakhtin:

Em diferentes épocas, graças a

⁹Para mais a respeito, ver o capítulo 2 de: SANTOS, Angelo de Assis Fernandes dos. *O blog de Miriam Leitão e a linguagem do jornalismo econômico*. 2011, 121 f. *Dissertação (Mestrado em Comunicação)*. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2011.

uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência etc) (BAKHTIN, 2000, p. 356).

Dessa forma, textos de JE podem ser vistos como enunciados que, por um lado, reportam-se diretamente a seus leitores e, por outro, também têm um conteúdo social que dialoga com concepções compartilhadas entre os autores e seus respectivos superdestinatários – entre os quais, é importante notar, no caso da comunicação midiática, podem encontrar-se também os veículos de mídia a que estão ligados.

Atentar para quem são os segundos e terceiros destinatários aos quais se dirige a voz jornalística com base no conteúdo de seu texto (e as implicações daí decorrentes) é, enfim, uma das opções de análise interessantes legadas pela teoria de Bakhtin.

Complexidade discursiva no jornalismo econômico e sua constituição como gênero

Para o jornalismo, a linguagem não é encarada como um fim em si mesma. Ela estaria a serviço da comunicação dos fatos no mundo real. O tratamento esteticamente elaborado ou mesmo literário do texto não é prioridade. E, para o JE, isso é ainda mais flagrante. Temas econômicos são complexos, áridos e

precisam ser analisados e explicados em seus possíveis desdobramentos. Isso leva o jornalista a privilegiar o que deseja noticiar e/ou analisar, e não a estética do texto.

Além disso, há necessidade de rapidez na elaboração e repasse da informação. Não só o noticiário factual, mas também análises mais elaboradas de temas relativos à economia em artigos e reportagens têm, no JE, considerável grau de caducidade. No caso do JE on-line, a fugacidade do noticiário é ainda maior e a urgência na elaboração e publicação das notícias, também. A flutuação da cotação do dólar ao longo do dia, por exemplo, já é motivo para que o noticiário da manhã precise ser atualizado no fim da tarde.

O JE preocupa-se em apresentar uma interpretação que contextualize para o leitor/interlocutor o sentido e as implicações do que foi narrado. Não basta apresentar explicações para os fatos, mas indicar a relação do que é elucidado com a vida do leitor/interlocutor para apontar tendências, sugerir problemas ou oportunidades.

Como visto anteriormente, para Bakhtin, há uma concepção pressuposta que o locutor (no nosso caso, o jornalista) faz de seu destinatário (BAKHTIN, 2000, p. 356). Ou seja, a forma de se expressar dependerá de como um autor percebe ou “concebe” seus leitores/destinatários e de como decide dirigir-se a eles. Vejamos, por exemplo, um trecho do artigo “O Mercosul e os buracos do queijo protecionista”, publicado na página 98 da revista IstoÉ Dinheiro, edição 779, de 12 de setembro de 2012:

Amplamente discutida com

os setores interessados, especialmente da indústria, a lista de exceções à Tarifa Externa Comum (TEC) do Mercosul, divulgada pelo governo na terça-feira 4, não foi exatamente uma surpresa para os empresários brasileiros. Discutida após meses de consultas a industriais que pediam proteção ao governo contra os concorrentes internacionais, a medida ampliou em 100 produtos a lista de exceções, aumentando os furos do “queijo suíço” em que se transformou a TEC. [...] Alíquotas de importação que variavam entre 12% e 18% agora passarão para 25%. Ainda assim, setores do empresariado, como os fabricantes de máquinas, consideram que a proteção é insuficiente para segurar as importações e continuam reclamando dos concorrentes estrangeiros. A medida também mostra a falta de integração entre um bloco que, na teoria, é uma união aduaneira e, portanto, deveria praticar tarifas uniformes quando compra de países de fora. Na prática, porém, o Mercosul luta para reconquistar sua relevância, inclusive para a balança comercial brasileira. [...] O consultor Welber Barral, ex-secretário de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, estima que o Mercosul tenha hoje cerca de 200 normas importantes, que precisam ser incorporadas por novos membros. A crise na Europa e nos Estados Unidos, que reduziu o

mercado internacional, aumentou o protecionismo no mundo. A ampliação da lista de exceções à TEC é irônica porque aumenta as brechas dentro da união alfandegária, quando o bloco deveria se fortalecer buscando o caminho inverso. Como disse Rubens Ricupero, ex-secretário-geral da Unctad, o órgão das Nações Unidas para o comércio internacional: a medida está dentro das regras da Organização Mundial do Comércio, mas também não resolve o problema de competitividade da indústria brasileira¹⁰.

Os fragmentos, correspondentes ao primeiro e ao último parágrafos do texto da jornalista Denize Bacoccina, têm sinais da relação discursiva que ela estabelece com seu público leitor/interlocutor. É possível, com base neles, imaginar até mesmo um perfil presumido desse público. Seria este composto por um segmento médio e mais amplo de leitores/interlocutores, que teriam apenas noções básicas de economia? Ou seria, pelo contrário, um público mais restrito de “iniciados” com conhecimentos mais aprofundados? O uso de termos como “Tarifa Externa Comum” (TEC), “alíquotas de importação”, “união alfandegária” e “balança comercial” indica que a autora dirige-se a destinatários não leigos em economia. Conforme observa Bakhtin:

A quem se dirige o enunciado? Como o locutor (ou o escritor) percebe e imagina seu destinatário? Qual é a força

Disponível em: <<http://www.istoedineiro.com.br/blogs-e-colunas/post/20120906/mercosul-buracos-queijo-protecionista/2414.shtml>>

da influência deste sobre o enunciado? É disso que depende a composição, e sobretudo o estilo, do enunciado. Cada um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero (BAKHTIN, 2000, p. 321).

Assim, a opção por um estilo mais técnico ao abordar o tema (a divulgação da lista de exceções à Tarifa Externa Comum do Mercosul, suas implicações e reações dos setores interessados) indica que a jornalista busca falar a um leitor que entende o vocabulário de economia e é capaz de acompanhar sua abordagem sobre os acontecimentos econômicos.

Portanto, o JE não apresenta por si só um conjunto de características cristalizadas que surgiram à revelia do seu público, como sugerem algumas análises mais críticas da produção de conteúdo do JE brasileiro¹¹. Com base no referencial teórico de Bakhtin, é possível investigar: as características da relação que cada texto tem com seu leitor/destinatário, as formas pelas quais o jornalista/locutor optou por se comunicar com ele e mesmo as razões de sua opção e se ela foi adequada. Afinal é nessa relação dinâmica que o JE vai se formando como gênero discursivo.

Mas se, conforme Bakhtin, cada gênero do discurso e autor tem sua concepção do destinatário, é possível, a esse respeito, colocar uma questão que é fundamental para o JE: nenhum gênero discursivo (e nenhum texto em particular) consegue, por si só, dar conta da relação que cada

um de seus destinatários tem com o objeto sobre o qual disserta.

Bakhtin aborda assim a questão do objeto do discurso:

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências (BAKHTIN, 2000, p. 319).

Porém, é a relação que o destinatário tem com o objeto ou tópico discutido no texto/enunciado que determinará (mais do que o gênero do discurso ou o conteúdo do texto em si), o grau de discernimento que ele tem sobre esse objeto. E, no que diz respeito a um objeto como a economia, isso é ainda mais premente.

Chegamos a uma complexidade maior do que a contida nas reflexões de Bakhtin sobre como o locutor percebe seu destinatário e sobre como o objeto do discurso transita entre os interlocutores como lugar onde se cruzam pontos de vista. Sua reflexão propõe respostas a questões da linguagem e da formação dos gêneros discursivos, mas não à da totalidade do processo comunicativo, especialmente o midiático.

É por isso que o JE tem estilos

¹¹Ver: ASSIS, Angelo de. *Jornalismo Econômico e Ideologia*. In: GOBBI, Maria Cristina; REBECHI JÚNIOR, Arlindo. *Anais da Semana da Comunicação 2013*. 1. ed. Bauru: FAAC/Unesp – Campus de Bauru, 2013 (pgs. 371-375).

característicos, mais ou menos herméticos, mais ou menos evitados de tecnicidades vocabulares, com mais ou com menos explicações de termos técnicos dependendo do jornalista que produz seus conteúdos. Mas a questão da eficácia da comunicação desses conteúdos ainda permanece, em boa medida, como um problema que solicita respostas e avaliações. E estas encontram-se, entre outros aspectos, na relação entre o destinatário do discurso midiático e o objeto deste discurso.

Considerações finais

De acordo com Bakhtin, a variedade de gêneros do discurso diz respeito à multiplicidade das atividades humanas. Cada esfera de atividade tem seus gêneros discursivos, que se ampliam à medida que essa esfera se expande. No que diz respeito à produção do JE, esta se encontra vinculada às relações econômicas entre os agentes sociais e tais relações determinam as condições para sua produção. O que seus destinatários desejam é entender e posicionar-se em relação aos fatos e fenômenos econômicos.

Deve-se considerar, entretanto, que o JE é condicionado pelas peculiaridades de seu objeto: a economia e suas relações de causa e efeito, que nem sempre são facilmente dedutíveis para os atores econômicos não especialistas no assunto (mas que fazem parte do público destinatário da produção midiática).

Assim, pode-se assumir que a função do JE de auxiliar as pessoas em suas decisões econômicas é, no que diz respeito à maioria do público de jornalismo, mais um ideal do que uma realidade. Isso porque os fenômenos econômicos, mesmo os que

afetam diretamente a vida da população, são vistos como distantes e difíceis de entender. Portanto, os jornalistas econômicos ainda têm muito a trabalhar para desenvolver formas de esclarecer ao público como os fatos econômicos afetam a vida cotidiana. E as abordagens acadêmicas não têm oferecido alternativas eficazes a essa lacuna.

No meio acadêmico brasileiro, há uma postura predominante de crítica a praticamente todos os aspectos da produção de conteúdos em JE, de sua forma até seu conteúdo, passando pelas motivações de atores sociais como as elites econômicas, os grupos midiáticos e o próprio governo. Essa postura resulta de uma série de fatores, a maioria dos quais têm uma origem comum: o golpe militar de 1964 (BASILE, 2002, p. 71).

Como reação a ele, cresceu no ambiente acadêmico a influência de correntes teóricas de orientação marxista, que vinculavam a teorização sobre comunicação à lógica do posicionamento ideológico (ASSIS, 2013, p. 372), com uma visão bastante crítica – quando não predominantemente negativa – da práxis do JE. Mesmo com o fim do regime militar e após a ascensão ao poder, em 2003, de um partido originariamente de esquerda como o PT, pouco mudou na tradição de abordagem teórica crítica do JE brasileiro (ASSIS, 2013, p. 371).

Ainda que pertinentes em alguns aspectos, tais críticas não são suficientes para resolver ou mesmo apontar saídas convincentes para o divórcio entre grande parte do público e o noticiário econômico. Mostra-se, portanto, de fundamental importância retomar e reavaliar a abordagem teórica do JE brasileiro. É necessário ampliar o foco analítico da

relação dialógica mais restrita entre público e mídia (muito ligada à crítica da linguagem do JE), que tem sido o paradigma até então, para englobar a relação mais abrangente do público com a própria economia.

É preciso ter em mente que a relação entre o noticiário econômico e o público (a relação entre os enunciados e seus destinatários que foi proposta por Bakhtin) pressupõe a relação anterior que este público já tem com os fatos econômicos (o objeto do discurso) e com a lógica própria e não intuitiva da economia.

Trata-se de uma relação dialógica que antecede a do público com o JE e que não deve passar sem o escrutínio analítico de quem pretende estudá-lo mais a fundo.

O ponto final que aqui se coloca é, portanto, a proposta dessa nova forma de abordagem: ampliar o foco de análise para além da relação entre o discurso midiático e seu público, estendendo-o à relação entre o público e o objeto do discurso midiático, que no caso do JE é a economia. Tal caminho é fundamental para se avaliar melhor o impacto desse objeto na eficácia do discurso midiático.

Referências bibliográficas

ASSIS, Angelo de. **Jornalismo econômico e ideologia**. In: GOBBI, Maria Cristina; REBECHI JÚNIOR, Arlindo. Anais da Semana da Comunicação 2013. 1. ed. Bauru: FAAC/ Unesp – Campus de Bauru, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARROS, Antonio & DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BASILE, Sidnei. **Elementos de jornalismo econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BOBBIO et al. **Dicionário de ciência política**. 11. ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.

FERRARA, Lucrécia. **Por uma cultura epistemológica da comunicação**. In: CAPPARELLI S., S. SODRÉ M. SQUIRRA S. (orgs.). A comunicação revisitada. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FRANCISCO, Kárita Cristina. **Barreiras na produção de conhecimento pelo jornalismo econômico.** In: Estudos de jornalismo e mídia, vol. III, n. 2, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo econômico.** 3. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

LAGO, Cláudia & BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação.** 6. Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINO, Luís. “**Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e fundamentação do campo da comunicação**”. In: CAPPARELLI S., S. SODRÉ M. SQUIRRA S. (orgs.). *A comunicação revisitada.* Porto Alegre: Sulina, 2005.

QUINTÃO, Aylê-Salassiê Filgueiras. **O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964.** Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de economia do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, Angelo de Assis Fernandes dos. **O blog de Míriam Leitão e a linguagem do jornalismo econômico.** 2011, 121 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, UNESP, Bauru, 2011.

TORRES, E. & BORÇA JR., G. **Analisando a crise do subprime.** Revista do BNDES, Rio de Janeiro, v. 15, n. 30, p. 129-159, dez. 2008.